Editorial

O HORROR... O HORROR...

Parece que não adianta mais protestar. Os políticos fazem o que querem, seja aqui, na Venezuela, na Ucrânia ou em Gaza. A expressão, criada por Hannah Arendt para uma situação específica, se generalizou em pleno século XXI. O mal tornou-se banal.

Ninguém se indigna mais com o genocídio que vem sendo aplicado, sistematicamente, à Palestina desde 1948, quando uma decisão equivocada e oportunista da ONU, tendo por instrumento um político brasileiro, Oswaldo Aranha, criou o Estado de Israel.

Desde então, os ocupantes legítimos da Palestina vêm sendo desalojados de sua terra, e qualquer resistência é interpretada como terrorismo. Nos últimos dias, mais de 500 palestinos, moradores da Faixa de Gaza, morreram sob os bombardeios de Israel.

Não são militares do Hamas, o grupo político que governa o território, mas civis, incluídos idosos, mulheres e crianças. Israel diz que o Hamas usa os civis como escudos humanos. Não é verdade. Um dos mais poderosos exércitos do mundo não mata por engano.

Mata para difundir o horror. Por incrível que pareça, empregam a mesma tática dos nazistas quando invadiram a URSS a fim de eliminar qualquer veleidade de resistência. A relação é absurdamente desproporcional, à razão de cem palestinos para cada israelense.

A raiz do conflito é o desalojamento do povo palestino. Aos poucos, Israel vem confiscando suas propriedades e encurralando-o em Gaza. Só que os palestinos são em número muito maior. Para dar cabo deles, será preciso fazer como os norte-americanos fizeram no Japão.

Diante da insanidade que predomina no mundo, isso não é impossível. As armas para isso existem. Os criminosos podem contar com a hipocrisia dos Estados Unidos, a omissão da Europa e a covardia dos países árabes, que sustentam econômica e politicamente essa situação.

O Brasil tem parte nisso, mas até agora não se ouviu a sua voz nem de condenação, nem de solidariedade.

SEMPRE EDITORA LTDA

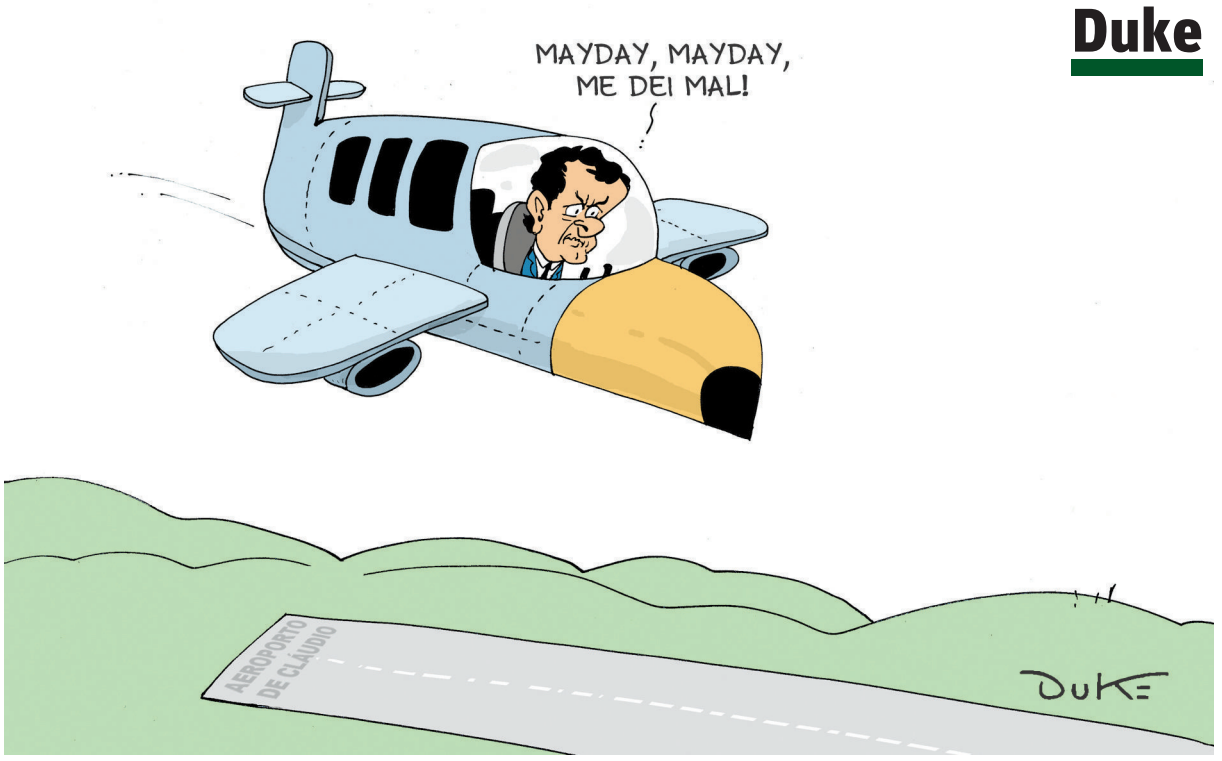
FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

O povo está cansado de políticos que agem como imperadores

"Tanto faz votar, porque são todos iguais depois de eleitos!"

Eu só vejo vantagens em eleições. Gosto da época do pleito desde criança. Cresci vendo a muvuca das eleições em minha casa, nos grotões do Maranhão, lá em Graça Aranha, onde papai foi vereador duas vezes. Já relatei como mamãe era terrível em dia de eleição! Relembrem:

"Mamãe recebia os caminhões, distribuía um papelzinho e levava o povo pra votar. Era o terror das seções eleitorais. Muito simpática, abordava mais mulheres, dizia: 'Deixa ver se tá levando o papel certo'. Se não era dos candidatos dela, bradava: 'Num é esse não! Pega o certo!' E, de braço dado, ia com a pessoa até a entrada da seção. Boca de urna de 100%. Papai era dos mais votados.

"Ela sabia, certinho, os votos dele em cada urna! Dias antes, fazia serão escrevendo à mão os tais papeizinhos, acho que eram números, que no dia da eleição carregava dentro do sutiã. Ainda adora eleições, mas diz que hoje são sem graça. Tem razão. Impossível reproduzir a sua boca de urna. Adoro eleições porque insisto em sonhar". ("Nas eleições, se não acredita, eu vou sonhar pra você", **O TEMPO**, 20.4.2010).

O período eleitoral é momento singular da luta por mais democracia e cidadania e também de muitas esperanças... As pessoas estão sempre a desejar mais e mais daquilo que signifique algum conforto adicional em suas vidas, a exemplo de transporte público de qualidade, boas escolas, bom atendimento na assistência à saúde e tudo o mais que torne a vida mais digna.

O dito "povão" não exige nada de mais da Presidência da República, de governos de Estado nem de prefeitos, apenas aquilo a que tem direito. O outro lado da questão em tela é que os candidatos em geral demonstram não saber qual a função deles, uma vez eleitos. Por que será, hein?

Imagino que numa sociedade mais evoluída serão abolidas as tais propostas de programa de governo. Não sei como, mas deve haver um jeito! Algo tipo uma consulta popular sobre as necessidades mais prementes da população, e o resultado seria elencado como o programa daquela cidade, daquele Estado ou país. Ou seja, bem diferente do que hoje que a candidatura diz: "vou fazer, isso, aquilo etc.".

> O dito "povão" não exige nada de mais dos governos, apenas aquilo a que tem direito. A questão é que os candidatos não sabem qual a função deles, uma vez eleitos.

Caberia às candidaturas demonstrar quem é mais confiável para executá-lo. Cada pessoa votaria em quem a convenceu de que seria o melhor para materializar aquelas demandas... Ah, e o compromisso de finalizar todas as obras de seu antecessor! Porque é costume abandonar obras públicas tão somente porque terminá-las significa avalizar o trabalho iniciado por outrem...

Depois de muito pensar e pensar, avalio que seria a única maneira de enterrarmos a ideia de quem se elege para o Executivo (Presidência da República, governo de Estado e prefeitura) acreditar que foi ungido para receber um cheque em branco da população e, uma vez aboletado no poder, faz o que bem lhe aprouver, como acontece hoje em dia. É que eleitos para o Executivo tendem a achar que são imperadores e se danam a fazer o que lhes dá na telha! Agem como donos do lugar e como se tudo devesse obedecer aos seus desejos pessoais. Chega a ser acintoso!

Tenho a impressão de que o cansaço que as pessoas demonstram em época de pedição de voto tem a ver com o tradicional comportamento de dono de quem ocupa os postos máximos do Executivo. É tão forte que muita gente se irrita e diz: "Tanto faz votar em qualquer um, porque são todos iguais depois de eleitos!". Quem duvidar faça a sua própria experiência, dando-se ao trabalho de andar de ônibus e/ou de táxi para sentir o pulsar das ruas nas eleições: é de descrença e desânimo.

DUKE